

Philip Morris pretende investir em fábrica no RS se Anvisa liberar cigarro eletrônico

jornaldocomercio.com/economia/2023/05/1105929-philip-morris-pretende-investir-em-fabrica-no-rs-se-anvisa-liberar-cigarro-eletronico.html



O vice-presidente sênior da **Philip Morris Internacional**, Gregoire Verdeaux, que **se reuniu com o governador Eduardo Leite durante sua visita à planta de Santa Cruz do Sul em março deste ano**, afirma que **a empresa pretende investir na unidade gaúcha**. Mas com uma condição: a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) precisa aprovar a regulação dos Dispositivos Eletrônicos para Fumar (DEFs), termo que inclui o cigarro eletrônico e o tabaco aquecido.

A informação foi divulgada durante **evento da Philip Morris para jornalistas em seu centro de pesquisa e desenvolvimento Cubo, na cidade de Neuchâtel, na Suíça**. “A Philip Morris tem interesse em investir em países que podem ser parceiros desta transformação a longo prazo. O Brasil é um caso muito atraente por causa da produção de tabaco (trata-se do maior exportador do mundo). Mas, no momento, **até que o produto não seja aprovado no mercado doméstico, não pode ser uma opção**”, avisa o executivo.

“Não faria sentido o Brasil ter uma fábrica de tabaco aquecido para exportar ao mundo inteiro e ser proibido no País. Esperamos um nível de debate e uma discussão moderna sobre regulação, que não é sobre tudo ou nada e sim sobre olhar as oportunidades. O

Brasil tem 20 milhões de fumantes, essas pessoas merecem acesso a alternativas de forma regulada”, destaca. **Atualmente, os cigarros eletrônicos são contrabandeados e não há uma fiscalização sobre a qualidade das substâncias nas composições.**

A partir do momento que houver a regulação, a Philip Morris prevê **o fim do cigarro tradicional em 10 anos no Brasil**. O tamanho do mercado nacional, conforme Verdeaux, justificaria uma “proposta bastante ambiciosa”, embora não revele números. Por isso, ele sugere que os produtores de tabaco insistam em fazer o assunto chegar aos governantes.

Tommaso Di Giovanni, vice-presidente internacional de Comunicação da empresa, detalha que a fatia de mercado da Philip Morris é de 20% no Brasil. “Do ponto de vista de lucratividade, não é o mais lucrativo, mas tem potencial”, expõe. Ele reforça a especulação sobre a ampliação da **fábrica de Santa Cruz do Sul, onde trabalham 1,8 mil pessoas**, para elaborar todo portfólio da companhia, que inclui Marlboro, L&M e Chesterfield. “Com a ampliação desses produtos (DEFs), temos que ampliar também a manufatura e a produção. Continuamos analisando oportunidades de investimento, inclusive no Brasil”, adianta.

A notícia interessa a cadeia produtiva no Rio Grande do Sul, que se concentra entre **Venâncio Aires e Santa Cruz do Sul**. Bertrano Bonvin, presidente do departamento Heat not Burn (aqueça, não queime), usa adjetivos fortes para mostrar a relevância da região. “O produtor brasileiro é top no mundo, é **primeira classe**”, considera. Para a produção do tabaco aquecido, segundo Bonvin, os produtores são selecionados a dedo, pois exige técnicas diferentes de cultivo, uso de fertilizantes, armazenagem e cura.